

Café: Os negócios de café na praça de Santos continuaram, em agosto, a baixo do normal, apesar de ter havido maior numero de transações que nos meses anteriores, tanto no disponível como nos mercados a termo e de entregas diretas.

A exportação nesses meses, por Santos, alcançou 613.721 sacas, ou seja 152.673 sacas a mais que a do mes de julho; inferior porém em cerca de 250 mil sacas a cota mensal de exportação atribuída a esse porto pelo atual regulamento de quotas do Ministério da Fazenda. As exportações dos portos do Rio e Paranaguá foram superiores as suas cotas, o que pode se dar pelo uso de parte do saldo da cota do mes anterior. A quantidade exportada por todo o Brasil atingiu 1.407.029 sacas, ou seja um aumento de 515.219 sacas sobre o total saído em julho.

Como vemos houve uma intensificação das compras de café mais acentuadamente nos portos no Rio e Paranaguá, porque esses centros, devido principalmente à rapidez com que o café é liberado, podem oferecer melhores condições de venda do produto. Devido a essa rapida liberação, estão sendo enviadas para o Rio maiores quantidades de café paulista. Na atual safra, até o fim de agosto já tinham sido enviados a outros portos, que não Santos, 8,5 % do café despachado no interior, em comparação com 6,6 % e 4,2 % enviados respectivamente nas safras 1950/51 e 1949/50. Vizando diminuir as remessas para fora do Estado, foi regulamentada por decreto estadual a cobrança do imposto de 3% (ad-valorem) sobre expedições, para fora do Estado, de café exportado destinada à exportação para o estrangeiro.

É de se esperar que em setembro tanto o Rio como Paranaguá preencham suas cotas de exportação relativas ao primeiro trimestre da safra 1951/52 e que portanto não possam exportar neste mes, mais do que 373.957 e 297.346 sacas, cada um deles respectivamente, quantidades alias inferiores as exportadas em agosto. Deve-se, portanto, esperar um aumento de movimento nos próximos meses em Santos, pois no caso dos importadores continuarem a comprar com a atual, ou mesmo com uma maior intensidade, terão que recorrer cada vez mais ao porto

As cotações de café em Santos em agosto mostraram ligeira recuperação. A média mensal do tipo 4 mole no disponível foi de Cr. \$ 194,05 por 10 quilos, enquanto que no mês anterior tinha sido de Cr. \$ 192,12. Nesse mercado entre o principio e o fim do mês houve uma alta de Cr. \$ 1,50 por 10 quilos para o tipo 4 mole. Os preços médios recebidos pelos lavradores no interior do Estado apresentaram pequenos aumentos em relação ao mês anterior; os preços vigorantes são: Cr. \$ 298,10 por sacco em coco e de Cr. \$ 1.013,10 por sacco de café beneficiado.

Conforme já salientamos em comentário publicado no nº 4 deste boletim, a atual situação estatística do produto apresenta-se melhor do que na safra anterior, o que torna possível a estabilização do nível atual das cotações. Segundo dados recentes da D.E.C., o café disponível para a exportação atingiu em 30 de junho de 1951 a um total de 4.928.960 sacos dos quais 2.459.868 formavam os estoques dos portos de exportação e 2.469.092 achavam-se no interior a espera de liberação. Esse total apresenta-se ligeiramente inferior ao apresentado por nós nesse comentário - 5.009.743 sendo bem inferior as quantidades existentes em igual data dos últimos três anos.

De outro lado, a safra ora em curso, apresenta-se bem menor que a principio se estimava, pois registraram-se quebras acentuadas, tanto na colheita como no beneficio, em zonas bastante produtoras de São Paulo e ao que parece também em outras Estados. A segunda estimativa (1 de agosto) feita pela Divisão de Economia Cafeeira calculava o montante da safra exportável em 15.563.500 sacos, ou seja , 1.385 mil sacas a menos que na 1ª estimativa, sendo assim distribuídos pelos Estados produtores:

ESTADOS	SACAS de 60 QUILOS
São Paulo	6.545.000
Minas Gerais	3.200.000
Paraná	3.000.000
Espírito Santo	2.070.000
Rio de Janeiro	500.000
Baía	100.000
Pernambuco	90.000
Goias	50.000
Mato Grosso	7.000
Santa Catarina	1.500
Total:	15.563.500

Esse total destina-se a atender a exportação para o Exterior, ao consumo dos portos de exportação e do comércio de cabotagem. Como para os dois últimos fins são necessários cerca de 850 mil sacas, teríamos de acordo com essa estimativa da DEE, cerca de 14,7 milhões de sacas destinadas a exportação para o exterior.

No entanto, a última estimativa da atual safra paulista de café, feita em fins de agosto e que publicamos na página 9, prevê um total de apenas 6.543.740 sacas, sendo 853.684 sacas inferior a previsão anterior publicada em princípios de julho. Salienta-se, ainda, que a estimativa desta Secretaria abrange todo o café produzido no Estado, inclusive o aqui consumido. Embora não dispondo de dados seguros referentes ao consumo interno do Estado, calcula-se que esse consumo seja em redor de 1,5 milhões de sacas. Tendo em vista que deve ter havido uma diminuição do consumo em virtude do aumento verificado nos preços e também pelo fato de entrar café de qualidade inferior, de outros Estados para esse fim, podemos, a grosso modo, calcular a produção exportável do Estado em cerca de 5,5 milhões de sacas. Essa quebra na produção de São Paulo viria reduzir a produção brasileira em um milhão de sacas, de modo que o café desta safra, destinado à exportação para o Exterior, ficaria reduzido a 13,7 milhões de sacas (a menos que ainda ocorram modificações na produção de outros Estados). Tendo-se em conta que o Brasil vem exportando nas últimas quatro safras quantidades superiores a 16 milhões de sacas, sendo mesmo a média desse período de 16.849.273 sacas, e de esperar-se que a safra deste ano será inferior em pelo menos 2,3 milhões as necessidades normais de exportação. Deste modo as disponibilidades em 30 de junho de 1952 ficariam reduzidas a somente 2,6 milhões de sacas, ou seja um pouco mais da metade do café existente em igual data no corrente ano.

Feijão: Os preços de feijão no interior do Estado, foram em agosto de Cr.\$ 135,50 por saca de 60 quilos. Esse preço é inferior em Cr.\$ 10,20 a média obtida pelos lavradores no mês anterior, sendo ainda pouco superior ao vigente em igual período do ano passado.

Algodão: As cotações de algodão na Bolsa de Mercadorias, que nos primeiros dias de agosto mantiveram-se estaveis, a partir do dia 9 acusaram sucessivas altas, registrando --se mesmo em 3 dias o limite máximo permitido pelo regulamento da aquela Bolsa. No disponível, o tipo 5 que esteve cotado a Cr.\$ 260,00 por 15 quilos no dia 1º, passou a Cr.\$ 314,00 no dia 31, acusando portanto uma alta de 54 cruzeiros por arroba. No termo registraram-se modificações sensíveis no mesmo período, como vemos a seguir:

mês presente	+	Cr.\$ 61,10		
outubro	+	64,00	março	+ Cr.\$ 54,50
dezembro	+	60,00	maio	+ 30,00
janeiro	+	57,00	julho	+ 14,00

1 - Torna-se difícil fazer uma análise objetiva das causas dessas flutuações. A situação estatística mundial do produto, conforme já dissemos em numeros anteriores deste Boletim, a ainda satisfatória, conquanto não haja mais escassez do algodão. Não só a queda dos preços nos mercados internacionais mostram isso, como também as recentes medidas tomadas pelos Estados Unidos em favor de um aumento das exportações de algodão, taes como a de extinguir o sistema de licença de exportação e a de conceder empréstimos por meio do Banco de Exportação e Importação para os países estrangeiros adquirirem algodão americano.

2 - Com referência à situação do mercado interno, destacam-se os seguintes pontos. A safra paulista será superior à última estimativa (209.000 ton.), pois até 31 de agosto tinham entrado nas maquinas de beneficio 604.626 ton. de algodão em caroço. Admitindo-se um rendimento de 35,5% teriamos já cerca de 215.000 ton. em pluma. Ainda que daqui por diante as entradas no interior devam diminuir sensivelmente pode-se calcular que a atual safra em São Paulo atinja cerca de 225 mil toneladas.

Entretanto, em vista da quase absoluta falta de dados estatísticos referentes a produção, consumo e estoques nos demais Estados, torna-se difícil dar um balanço na posição atual desse produto. Não se sabe ao certo qual será a produção dos Estados do Norte, nem os estoques existentes ao iniciar a presente safra. O IBGE estimou a produção dessa região no

ano passado em cerca de 140.000 ton. em pluma. A atual safra foi prevista por observadores oficiais norte americanos em 105 mil toneladas, já levando em conta os efeitos da seca. Ainda que se admita otimismo nessa previsão e que se lhe dê um desconto de 30% teríamos um total de 74 mil toneladas. Considerando-se um consumo nacional de 85 mil toneladas de algodão do Norte, teríamos um deficit este ano de 11.000 ton., que teria de ser coberto por estoques anteriores ou por algodão paulista.

O suprimento de algodão paulista na presente safra (estoque em 1º de março mais a produção estimada) deve atingir cerca de 260 mil toneladas, das quais já estão comprometidas para exportação cerca de 110.000 ton. Teríamos então 150 mil ton., sendo que 91.000 seriam necessárias para suprir o consumo nacional de fibra paulista, caso fosse preciso cobrir o deficit de 11.000 toneladas de algodão do norte. Existiria, então, um saldo de 59.000 ton. para atender as futuras exportações e a manutenção de razoavel estoque no fim da atual safra. Normalmente, de setembro em diante as exportações por Santos diminuem de intensidade. Assim, nos últimos dois anos foi exportada uma média de 38 mil toneladas de setembro a fevereiro. Se admitirmos uma exportação igual este ano, os estoques em 1º de março, apesar de serem muito reduzidos, ainda dariam para o consumo de dois meses e pouco, ou seja o suficiente para a entrada da nova safra. No entanto, fizemos essas considerações supondo que não exista atualmente estoques da safra anterior de algodão do Norte e que a produção de algodão em outros Estados seja de apenas 15 mil toneladas. Qualquer modificação nesses pontos aumentaria as disponibilidades atuais do algodão paulista.

3 - Constata-se, ainda, no mercado de algodão, a presença de firmas altistas que, operando na Bolsa de Mercadorias e fazendo campanhas pela imprensa, insistem em elevar ainda mais os preços de nosso produto. É sintomático, alias, o fato das recentes elevações do preço do nosso algodão terem aumentado ainda mais a margem entre as nossas cotações e a dos algodões de características semelhantes, de outras procedências.

Milho: Continua firme o mercado desse cereal. O preço médio recebido pelos lavradores em agosto foi de Cr. \$ 70,60 por sacco de 60 Kg. preço esse Cr. \$ 17,60 maior do que o vigo

rante a um ano atrás.

Continuaram as exportações por Santos. Em agosto saíram 17,558 toneladas desse cereal. Conforme já salientamos em comentários anteriores, a safra menor deste ano e as volumosas exportações foram os fatores principais que determinaram a atual firmeza do mercado desse produto.

A alta do preço do milho brasileiro nos mercados consumidores europeus - Cr.\$ 120,00 por 60 Kg. - C & F Londres, está diretamente relacionado com o preço fixado pela Argentina - Cr.\$ 122,00 por 60 Kg. F.O.B. Buenos Aires-, o qual é elevado em virtude das quantidades relativamente pequenas que esse país dispõe para exportação, que no corrente ano são calculadas em cerca de dois milhões de toneladas de milho. Essa quantidade de apesar de ser bastante superior a exportada pelo Brasil e menos de 1 terço das vendas argentinas no período de 1934/38.

O preço garantido aos lavradores na Argentina para a safra de 1951/52 - 30 pesos por 100 quilos ou sejam Cr.\$66,61 por 60 quilos - é pouco maior que o vigente na atual safra (27 pesos por 100 quilos) e por isso não é considerado como incentivo a uma safra maior que atual. Não se espera pois que a Argentina venha a ter grandes disponibilidades desse cereal até princípios de 1953.

Pode-se, assim, concluir que as perspectivas do mercado são favoráveis a continuação de preços elevados e, por conseguinte, a permanência do Brasil como exportador de milho. Há porém, um fator que poderá modificar essa perspectiva que é o referente a política de exportação dos Estados Unidos. Se este país, que é o maior produtor de milho do mundo, decidir que deve incentivar a sua exportação, por serem os preços do mercado internacional muito elevados, é certo que haverá uma modificação na situação, com uma consequente diminuição de preços.

Banana: Continuaram em escala crescente as exportações de banana para o exterior, tendo saído 868.021 cachos. Com esse total a exportação nos 8 primeiros meses de 1951 já atinge a 6.579.576 cachos. Do total embarcado em agosto, 523.153 destinaram-se a Argentina, 196.089, à Inglaterra, 73.773 a Suécia e 73.006 ao Uruguay.

Pastagens: Em algumas regiões, como sejam Caçapava, São José dos Campos e Catanduva, os pastos já começaram a brotar. Todavia, nos demais pontos do Estado onde abundam as invernadas, o capim acha-se ressequido e sem condições de pastoreio. Essa situação parece que perdurará até a entrada da estação chuvosa. Em algumas regiões agrícolas, alguns fazendeiros já iniciaram a prática pouco recomendável da queima de suas pastagens. Nas regiões da Noroeste, dada a qualidade dos capins as invernadas apresentam ainda condições regulares.

Gado de Corte: Na região agrícola de Andradina continua a ocorrer pequena entrada de bois magros dos centros criatórios e a saída de bois gordos para os pontos de abate. Continua a procura de invernadas para arrendamentos. Em Santo Anastácio e adjacências o preço de arrendamento gira em torno de Cr.\$ 16,00 por cabeça e por mês. O estado sanitário do rebanho em geral é bom.

Cotação de Barretos: (Associação Rural do Vale do Rio Grande)

Bovino magro: Cr.\$ 1.200,00 a Cr.\$ 1.400 por cabeça, conforme era, qualidade a partação.

Bovino gordo:	<u>Mercado livre</u>
Novilhos especiais	Cr.\$ 115,00
Tipo consumo	115,00
Carreiros e marrucos	110,00
Vacas	110,00

Os preços vigentes neste mês permanecem os mesmos verificados anteriormente, com exceção apenas no tipo "vacas" que teve uma pequena alta.

Gado de Leite: Melhora ligeiramente o rebanho leiteiro com a distribuição, embora pequena, de torta de algodão. Todavia, existe certo descontentamento entre os produtores quanto ao local do embarque da torta, que dada a distância, onerará e dificultará a aquisição do produto. O preço recebido pelos produtores de leite permanece inalterado. A FAREEP, através de sua assessoria técnica e de suas filiadas realizou um levantamento do custo de produção do leite tipo C, no vale do Paraíba, encontrando para 30 propriedades o custo médio de Cr.\$ 2,88 por litro. A produção parece que irá melhorar daqui para diante, graças a distribuição da torta e melhoria das in